

OBRAS DO REALISMO BRASILEIRO

O Ateneu, de Raul Pompeia

O Ateneu é um romance de Raul Pompeia publicado pela primeira vez em 1888. Com linguagem rebuscada, o livro conta a história de Sérgio e sua vivência dentro de um colégio interno.

Resumo da obra

Sérgio é o protagonista da história. A obra narra a trajetória dele (cerca de 2 anos) desde quando foi matriculado no colégio interno chamado Ateneu, com 11 anos. A história, que se passa no século XIX no Brasil, tem como espaço o Rio de Janeiro, mais precisamente o bairro do Rio Comprido.

O romance tem início com a visita de Sérgio ao colégio. Nas palavras de seu pai: “Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.” Ao lado de seu pai ele conhece primeiramente a esposa do diretor, Dona Ema. Nesse momento ele já nota o tipo de educação do colégio, de modo que a senhora lhe pede para cortar o cabelo.

Mediante a pressão do novo ambiente, no momento em que Sérgio é apresentado à turma, ele desmaia. Ali, ele aprende desde cedo mediante uma rígida disciplina, voltada para o desenvolvimento da educação moral. Com o tempo, ele vai conhecendo melhor o local e seus colegas. Primeiramente, teve uma amizade com o bom aluno Sanches.

No entanto, uma briga entre eles fez com que se separassem. A partir desse momento, Sérgio, que estudava com Sanches, passa a tirar notas baixas.

Sérgio conhece Franco, outro aluno do colégio. Este sempre estava se metendo em encrenca e, como resultado de uma de suas ações, os dois são chamados pelo diretor de meninos travessos.

Enquanto Franco estava jogando lascas de vidro na piscina, Sérgio se afasta dele, mas acaba levando a culpa também.

Mais tarde, começa a se aproximar do estudante Barreto. Este possuía uma grande fé, o que acaba influenciando Sérgio. Por influência do colega, ele começa a jejuar e rezar, mas mesmo assim suas notas continuam baixas.

Diante disso, ele se revolta contra Deus e começa a se afastar de todos os colegas. Mais tarde, aproxima-se de Egbert, um bom aluno do colégio e seu verdadeiro amigo.

A amizade deles estava alicerçada na sinceridade e na compreensão mútua. Quase no fim do romance, Sérgio revela seu amor platônico por Ema, a esposa do diretor do colégio.

A história termina com um incêndio no colégio e a fuga de Ema, a esposa do diretor. Esse evento pôs fim a história do Ateneu.

Características da obra

O Ateneu é dividido em 12 capítulos e possui o subtítulo “Crônica de saudades”. A obra está repleta de descrições físicas e psicológicas, tal qual o local em que se passa a história e os personagens que envolvem a trama.

A linguagem é densa, rebuscada e repleta de descrições, bem como de figuras de linguagem (metáforas, hipérboles, comparação). O espaço principal é o colégio, embora existam algumas passagens fora dele.

Sérgio é o narrador que já adulto revela suas experiências quando era interno do colégio Ateneu.

Portanto, a obra possui um narrador-personagem que é o protagonista da história. Por isso, a narração é feita em primeira pessoa.

Embora apresente características do realismo (linguagem objetiva e descrições minuciosas), notam-se aspectos da estética naturalista.

Algumas das características naturalistas presente na obra são: aspectos animais das personagens e o determinismo.

O enredo foi inspirado na própria história do escritor Raul Pompeia que esteve num colégio interno.

Sendo assim, a obra é considerada um romance autobiográfico o qual revela o moralismo e o ambiente corrupto em que ele próprio viveu.

De tal modo, o escritor critica diversos aspectos da sociedade, aliados ao moralismo e à perversão das instituições de ensino do século XIX no País.

Personagens principais

Sérgio

É o narrador e personagem principal, e, ao longo do romance, acompanhamos as mudanças que acontecem ao estudar no internato.

Aristarco

É o diretor da instituição. Com um jeito um pouco paterno, ele molda as crianças do Ateneu. Muito vaidoso, fica admirado de si mesmo e dos sucessos do internato.

D. Emma

É a esposa do diretor, tem um jeito materno com as crianças. Sérgio tem uma pequena paixão por ela.

Ângela

É a empregada da família do Aristarco, ela representa a paixão carnal para os alunos. É por causa dela que um assassinato é cometido no Ateneu.

Rebelo

É um dos melhores alunos do Ateneu, exemplar em comportamento e em estudos. Foi recomendado para Sérgio logo nos seus primeiros dias de aula.

Sanchez

É um dos primeiros relacionamentos de Sérgio no Ateneu, que está envolvido com o afogamento e salvamento de Sérgio.

Franco

É um aluno que sofre do abandono dos pais e do desprezo de Aristarco, acaba morrendo no internato.

Bento Alves

É uma criança forte e um pouco submissa. Sérgio se vale da amizade dele para se proteger.

Egbert

É o único verdadeiro amigo de Sérgio.

Os elementos psicológicos em O Ateneu

Outra característica comum entre Pompeia e Assis é o uso do psicologismo em seus livros. Em O Ateneu, o universo psicológico envolve todo o romance.

As relações de Sérgio com a sua família são substituídas em parte pelo diretor Aristarco. Uma figura de paternidade tirana, que usa de subterfúgios psicológicos para educar seus alunos, ora sendo extremamente rígido e ora se mostrando decepcionado com eles.

Enquanto Aristarco representa a figura paterna, sua mulher se torna a figura de uma certa adoração por parte dos alunos. Sérgio se vê apaixonado pela mulher do diretor, assim como muitos dos outros estudantes.

Um dos prêmios por ser bom aluno era poder jantar na casa do diretor, momento desejado por todos, pois poderiam estar ao lado de sua esposa.

Em O Ateneu, o maior desenvolvimento do psicologismo acontece nas relações entre os próprios estudantes. O internato funciona como um "mini cosmo", com as suas próprias hierarquias e relacionamentos. Porém, a réplica social da escola está restrita a um meio só de homens, sendo a maioria na pré-adolescência.

As relações do personagem principal com seus colegas é marcante no livro. Sem nunca ser explícito, há sempre

uma espécie de afetividade homossexual nessas relações.

Enquanto o que rege a relação entre os alunos e o diretor é o dinheiro, entre os próprios estudantes é a libido e as relações de forças internas que são responsáveis pelos relacionamentos.

Análise: a crítica social de Raul Pompeia

Os microcosmos do internato refletem as relações de toda a sociedade. Raul Pompeia aproveita esse ambiente como um experimento social para desvendar e criticar a sociedade carioca do final do século 19.

O diretor Aristarco, como símbolo do poder, media as relação de dinheiro e de interesse dentro do Ateneu.

O tratamento dos alunos depende da mensalidade paga e do prestígio que as suas famílias têm na sociedade. Enquanto os filhos de figurões são bem

tratados, mesmo sendo maus alunos, os devedores de mensalidade são sujeitos à inúmeras humilhações.

Pompeia dá especial destaque à relação de Aristarco com seu futuro genro, um aluno que mesmo não possuindo nenhum talento é sempre destacado para as grandes atividades.

A hipocrisia da sociedade também é criticada por Raul Pompeia. O ambiente cotidiano do internato, obscuro e opressivo, é contrastado com os grande eventos do Ateneu. Nas festas, a opressão se torna disciplina e o ambiente se transforma festivo e convidativo.

“Machado de Assis foi responsável pela produção de alguns dos melhores romances da língua portuguesa. Introdutor no Brasil do movimento realista, o escritor carioca também foi um ótimo cronista e contista. Sua obra literária reúne nove romances, dez peças teatrais, duzentos contos, cinco coletâneas de poemas e mais de seiscentas crônicas.”

ANÁLISE DE OBRAS: MACHADO DE ASSIS

OBRAS MACHADIANAS EM VESTIBULARES

- Dom Casmurro
- Memórias Póstumas de Brás Cubas
- Quincas Borba
- O Alienista

Machado de Assis era um observador nato da sociedade carioca da sua época, e por isso suas obras trazem assuntos cotidianos e refletem o comportamento humano e as máscaras das relações sociais. Tendo escrito ativamente

entre os anos de 1855 e 1908, sua carreira literária se iniciou no Romantismo, mas se consolidou com produções típicas do Realismo.

Na primeira fase de sua trajetória, Machado de Assis apresentava **histórias repletas de mistério**, com narrativa linear e finais que poderiam ser felizes ou trágicos. Aqui, ele inovou por ter abandonado **o exagero sentimental típico do romantismo**, e também o excesso de adjetivos.

Já na segunda fase, marcada pelo realismo, ele buscou expor a miséria humana, o que é visto, por exemplo, em **Memórias Póstumas de Brás Cubas** (aqui entra a famosa dedicatória escrita pelo autor: "Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver, dedico, como saudosa lembrança, estas Memórias Póstumas") e também em Memorial de Aires.

DOM CASMURRO

Dom Casmurro é um romance de Machado de Assis, publicado em 1899. Narrado na primeira pessoa, conta a história de Santiago, o protagonista, que pretende "atar as duas pontas da vida", lembrando e revivendo o seu passado.

A narração começa na juventude, quando Santiago (Bentinho, na época) descobre o seu amor por Capitu, amiga de infância com quem acaba se casando. O romance explora temas como desconfiança, ciúme e traição.

Embora o narrador pareça ter a certeza, para o leitor existe uma questão que paira no ar: Capitu traiu ou não traiu Bentinho? Traçando um retrato moral da época, a obra é considerada a maior de Machado de Assis, e uma das mais importantes da literatura brasileira.

Resumo do enredo

A narração começa quando Bentinho, como era chamado na época, descobre que está apaixonado pela sua vizinha e amiga de infância, Capitu.

Sua mãe, Dona Glória, muito religiosa, havia prometido que se o filho nascesse com saúde, faria dele padre. Assim, aos quinze anos, Bentinho se vê obrigado a partir para o seminário, apesar de saber que não tem vocação e que está apaixonado.

Quando começam a namorar, Capitu pensa em vários planos para livrar Bentinho da promessa, com ajuda de José Dias, amigo que vive em casa de D. Glória. Nenhum deles funciona e o menino acaba indo.

Durante a sua ausência, Capitu aproveita para se aproximar de Dona Glória, se tornando cada vez mais indispensável para a viúva. No seminário, o protagonista encontra um grande amigo e confidente, de quem se torna inseparável: Escobar. Confessa ao companheiro o amor por

Capitu e este o apoia, dizendo que também quer sair do seminário e correr atrás da sua paixão: o comércio.

Aos dezessete anos, Bentinho consegue sair do seminário e começa a estudar direito, concluindo o bacharelado aos vinte e dois. Nessa altura, casa com Capitu e seu amigo Escobar casa com Sancha, amiga de infância da noiva de Santiago. Os dois casais são muito unidos. O narrador tem um filho com a mulher a quem dá o primeiro nome de Escobar: Ezequiel.

Escobar, que tinha o costume de nadar no mar todos os dias, morre afogado. No velório, o protagonista percebe, através do olhar de Capitu, que ela estava apaixonada pelo seu amigo. A partir daí, fica obcecado com a ideia, reparando em cada vez mais semelhanças entre Ezequiel e Escobar.

Pensa em matar a mulher e o filho, mas decide cometer o suicídio quando é interrompido por Ezequiel. Diz-lhe então que ele não é seu filho e confronta Capitu, que nega tudo, ainda que reconheça as semelhanças físicas entre o menino e o falecido. É então que decidem se separar.

Partem para a Europa onde Capitu fica morando com o filho, acabando por morrer na Suíça. Santiago leva uma vida solitária, que lhe vale o nome de "Dom Casmurro" na vizinhança. Ezequiel, já adulto, vai visitar Santiago e confirma suas suspeitas: é praticamente igual a Escobar. Tempos depois, Ezequiel morre, assim como todos os familiares e amigos de Santiago, ele fica sozinho e decide escrever o livro.

Personagens principais

Bentinho / Santiago / Dom Casmurro

O narrador-protagonista passa por **diferentes fases** da sua personalidade ao longo do tempo, simbolizadas pelo modo como é chamado pelos outros. Na adolescência é Bentinho, um garoto inocente que se descobre apaixonado e dividido entre a vontade da mãe (o sacerdócio) e os desejos da namorada (o casamento).

Já depois da saída do seminário e de concluir os estudos, casa com Capitu e começa a ser chamado de Santiago.

Aqui, já não é mais tratado e encarado como menino: é advogado. marido, pai. Totalmente dedicado à família e apaixonado até à obsessão por Capitu, começa a demonstrar, gradualmente, indícios de desconfiança e ciúme.

Por fim, após se separar da mulher e do filho, se torna um homem de “hábitos reclusos e calados”, **solitário, amargurado**, que passa a ser apelidado de Dom Casmurro pela vizinhança, com a qual não se relacionava.

Capitu

Amiga de Santiago desde a infância, Capitu é descrita, ao longo de todo o romance, como uma mulher inteligente e alegre, apaixonada e determinada. Logo no início do namoro, podemos ver como a menina fazia planos para tentar livrar Bentinho do seminário, chegando a propor mentiras e até chantagem.

Capitu é, muitas vezes, encarada como uma mulher manipuladora e perigosa, acusação que surge logo no começo da trama, pela voz de José Dias, que diz que a

menina tem “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”. Essa expressão é repetida várias vezes pelo narrador ao longo da obra, que também os descreve como “olhos de ressaca”, em referência ao mar, com “uma força que arrastava para dentro”.

Escobar

Ezequiel Escobar e Santiago se conhecem no seminário e se tornam melhores amigos e confidentes. Como acontece com Capitu, no caso de Escobar a suspeita também surge desde o início: embora seja descrito como um bom amigo, o narrador aponta que tinha “olhos claros, um pouco fugitivos, como as mãos, como os pés, como a fala, como tudo” e que “não fitava de rosto, não falava claro”.

Casado com Sancha, melhor amiga de Capitu, e pai de uma menina, se manteve muito próximo de Santiago, quase como um irmão. A ligação entre ambos é tão forte que o narrador batiza o filho com o nome do amigo. Depois de morrer afogado, ainda jovem, Escobar se torna o maior inimigo do protagonista, uma memória que o assombra e acaba destruindo a sua família.

Personagens secundárias

Dona Glória

Mãe do protagonista, uma viúva ainda jovem, bonita e de bom coração.

José Dias

Referido pelo narrador-protagonista como "o agregado", José Dias é um amigo da família que se mudou para a casa de Matacavalos no tempo em que o marido de Dona Glória estava vivo. É a primeira pessoa a cogitar um namoro entre os adolescentes, antes mesmo de Bentinho perceber que amava Capitu.

Tio Cosme e Prima Justina

Juntamente com Dona Glória, formam a "casa dos três viúvos" em Matacavalos. Cosme, irmão de Glória, é descrito como um homem de grandes paixões que, com os anos, foi se tornando cada vez mais cansado e indiferente.

Ezequiel

Filho de Capitu e Santiago. Depois do narrador-protagonista negar a paternidade da criança, devido à sua semelhança física com Escobar, se separam.

Análise e interpretação da obra

Narração

Em Dom Casmurro, a narração é na primeira pessoa: Bento Santiago, o narrador-protagonista, escreve sobre o seu passado. Assim, toda a narração está dependente da sua memória, os fatos são contados segundo o seu ponto de vista.

Devido a este caráter subjetivo e parcial da narração, o leitor não consegue distinguir a realidade e a imaginação de Santiago, duvidando da sua fiabilidade enquanto narrador. Desta forma, o romance abre a possibilidade ao

leitor de interpretar os fatos e se posicionar a favor ou contra o protagonista, face à possível traição.

Tempo

A ação do romance começa em 1857, quando Bentinho tem quinze anos e Capitu catorze, no momento em que José Dias expõe o possível namoro entre os dois a Dona Glória.

Em *Dom Casmurro*, o tempo da narrativa mistura presente (quando Santiago escreve a obra) e passado (a adolescência, o namoro com Capitu, o seminário, a amizade com Escobar, o casamento, a suposta traição e os conflitos que daí resultaram).

Recorrendo à **memória do narrador-protagonista**, as ações são contadas em *flashback*. Contudo, surgem indicações temporais que nos permitem situar cronologicamente alguns acontecimentos marcantes:

1858 – Partida para o seminário.

1865 – Casamento de Santiago e Capitu.

1871 – Morte de Escobar, melhor amigo de Santiago. Começam as suspeitas de traição.

1872 – Santiago diz a Ezequiel que ele não é seu filho. Conflito entre o casal, que decide partir para a Europa, para o protagonista não causar escândalo. O protagonista regressa ao Brasil sozinho e a família se separa para sempre.

Espaço

O enredo tem lugar no Rio de Janeiro de meados / final do século XIX. Sede do império desde a Independência em 1822, a cidade assistia à ascensão da burguesia e pequeno-burguesia carioca.

Santiago e sua família, pertencentes a uma classe social de posses, habitam várias **ruas e bairros históricos** do Rio de Janeiro, ao longo da obra: Matacavalos, Glória, Andaraí, Engenho Novo, entre outros.

TÓPICOS IMPORTANTES

- Apresentação do narrador-protagonista e da obra
- Adolescência e descoberta do amor
- Os tempos do seminário
- Idade adulta e vida conjugal
- Ciúme e traição
- Marido apaixonado e possessivo
- Santiago e Sancha
- Morte de Escobar e epifania
- Confronto e separação
- Semelhanças entre Ezequiel e Escobar
- Paranoia e desejo de vingança
- Discussão entre o casal e desagregação da família
- Solidão e isolamento

Memórias Póstumas de Brás Cubas

Memórias Póstumas de Brás Cubas é um livro de Machado de Assis, publicado como folhetim entre março e dezembro de 1880 na Revista Brasileira.

A obra é narrada pelo "defunto autor" Brás Cubas, que conta as suas memórias sem as amarras da vida. Ousado e inovador, o livro se tornou um divisor de águas na produção literária do escritor brasileiro.

Resumo

A obra tem início com a declaração da morte de Brás Cubas, cujo narrador e protagonista relata suas memórias depois de ter sido vítima de pneumonia.

Pertencente a uma família abastada do século XIX, Brás Cubas narra primeiramente sua morte e enterro onde apareceram onze amigos.

Por conseguinte, ele relata diversos momentos de sua vida, desde eventos da sua infância, adolescência e fase adulta.

Ainda no início da obra ele revela suas expectativas com o "emplastro", um medicamento que contém grande potencial de cura.

Durante sua infância Brás Cubas comenta sua relação com seu escravo, o negrinho Prudêncio. Como um menino aristocrata, pertencente à classe alta, Brás Cubas esboça a relação que tinha com o garoto desde suas brincadeiras e caprichos.

A obra tem início com a declaração da morte de Brás Cubas, cujo narrador e protagonista relata suas memórias depois de ter sido vítima de pneumonia.

Pertencente a uma família abastada do século XIX, Brás Cubas narra primeiramente sua morte e enterro onde apareceram onze amigos.

Por conseguinte, ele relata diversos momentos de sua vida, desde eventos da sua infância, adolescência e fase adulta.

Ainda no início da obra ele revela suas expectativas com o “emplastro”, um medicamento que contém grande potencial de cura.

Durante sua infância Brás Cubas comenta sua relação com seu escravo, o negrinho Prudêncio. Como um menino aristocrata, pertencente à classe alta, Brás Cubas esboça a relação que tinha com o garoto desde suas brincadeiras e caprichos.

Análise da obra

Narrado em primeira pessoa, o romance apresenta um narrador-observador, considerado o “defunto-autor”. Em diversos momentos, Machado optou pelo recurso da interlocução, onde ela fala diretamente com o leitor da obra.

“A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus.”

O tempo pode ser dividido em cronológico e psicológico. O primeiro é desenvolvido pela ocorrência dos fatos na vida de Brás Cubas, ou seja, de maneira linear. Já o segundo, pertence às memórias e divagações do autor durante seu relato.

No tocante ao espaço, podemos citar o Rio de Janeiro, Coimbra e ainda, um local mais específico, Gamboa. Esse último é um bairro da cidade do Rio de Janeiro, onde ele teve seus encontros com Virgília.

Repleto de ironias, metáforas e eufemismos, Machado conseguiu representar nessa obra diversas críticas sociais, inclusive à elite da época.

Além disso, teve como característica marcante a mudança no enredo linear com começo, meio o fim. Foi com essa mescla de tempo, que o escritor marcou uma nova fase literária.

Ainda que tenha sido inovador nesse aspecto, devemos salientar que a obra termina com um capítulo em que Brás Cubas resume tudo que foi negativo na sua vida.

Assim, sobre esse prisma, podemos afirmar que o livro foge dos padrões clássicos, associados com um final feliz e ainda, com a linearidade dos fatos.

Os personagens que compõem a obra são majoritariamente da elite brasileira. Por outro lado, Machado inclui figuras de menor prestígio social, como Prudência, Dona Plácida e a prostituta Marcela.

Curioso notar que uma vez que o narrador está morto e vivendo num outro plano, Brás não se preocupa com a moralidade. Dessa forma, seu desprendimento moral bem como material é revelado em seu discurso irônico e despreocupado.

PRINCIPAIS PERSONAGENS

Brás Cubas

É o narrador e o personagem principal. Ele escreve o livro de suas memórias depois de morto.

Sem nenhum apego às convenções sociais, ele retrata a vida no Rio de Janeiro e as suas relações com uma visão única.

Virgília

É a amante de juventude de Brás Cubas. Casou por interesse com Lobo Neves, mas, mesmo tendo um amante, é uma esposa dedicada que respeita e venera o seu marido.

Suas paixões e suas obrigações são meticulosamente pesadas e ela nunca falha com a sua família ou diante da sociedade por conta do seu caso amoroso.

Marcela

A primeira amante de Brás Cubas, seu interesse é mais voltado para o dinheiro do que para o amor. Lobo Neves

Marido de Virgília, tem ambições políticas e capacidade para exercê-las. Torna-se presidente de província e quase vira ministro.

Cotrim

É o cunhado de Brás Cubas, casado com a sua irmã Sabina. É um homem muito preocupado com o trabalho, dinheiro e família.

Fica constantemente atento aos movimentos de Brás Cubas, que podem manchar o nome da família.

Quincas Borba

Antigo colega de Brás Cubas, a flor de todo o império, que se torna mendigo.

Após ganhar uma herança, volta à sociedade como filósofo e é um grande conselheiro do narrador. Termina perdendo o juízo.

Dona Plácida

É a ex-costureira de Virgília e a quem o casal de amantes confia a casa onde se encontram em segredo.

Muito católica, ela sente-se mal no começo por dar apoio a um adultério, mas o dinheiro a ajuda a superar as questões morais.

QUINCAS BORBA

Publicado em 1891 inicialmente em formato de folhetim, Quincas Borba pertence a trilogia realista de Machado de Assis composta por Memórias Póstumas de Brás Cubas e Dom Casmurro.

Resumo

O protagonista Pedro Rubião de Alvarenga era um professor primário que se tornou enfermeiro e amigo do milionário Quincas Borba.

Com a morte de Quincas Borba, Rubião herda tudo o que pertencia ao magnata: escravos, imóveis, investimentos. Além de herdar a fortuna, Rubião, que tinha na altura do inventário cerca de 40 anos, também recebeu o cão, igualmente chamado, assim como o antigo dono, Quincas Borba.

O então falecido acreditava que, se morresse antes do animal de estimação, o nome sobreviveria através do cachorro.

Juntos, Rubião e o cão Quincas Borba mudam-se de Barbacena (interior de Minas Gerais) para a Corte.

Na viagem de trem rumo ao Rio de Janeiro - mais precisamente na estação de Vassouras - o professor conhece o casal Sofia e Cristiano de Almeida e Palha. O casal, interesseiro, percebe a ingenuidade do mais recente milionário e resolve tirar proveito da situação.

Rubião se muda para uma casa em Botafogo e passa a andar cada vez mais próximo do casal Palha. Eles o ajudam com a decoração da casa, com a contratação de funcionários, o apresentam para o seu círculo social. As relações se estreitam tanto que Rubião acaba se apaixonando por Sofia.

A proximidade do casal trata-se, porém, de pura conveniência. Aos poucos, Rubião vai percebendo que Sofia não está interessada e que o casal tira proveito da sua condição financeira. Com o desgosto, Rubião começa a apresentar traços de demência.

O patrimônio vai diminuindo e o casal Palha, percebendo a condição do "amigo", se responsabiliza pelos cuidados do doente. A situação se agrava até que Rubião vai parar em um hospício.

Com crises cada vez mais frequentes de demência, Rubião acredita ser um imperador francês e consegue fugir do hospício com o cão. Juntos voltam para Barbacena, porém não recebem abrigo e passam a noite ao leu, na rua.

Rubião, insano, morre poucos dias depois.

Personagens principais

Quincas Borba

Quincas Borba era um intelectual que vivia em Barbacena, interior de Minas Gerais. Foi apaixonado por Maria da Piedade, irmã de Rubião. A moça morreu jovem e Quincas Borba não deixou nenhuma viúva ou filho. O herdeiro escolhido, registrado em testamento, foi o grande amigo

Rubião, que esteve ao seu lado nos últimos meses antes da morte.

Quincas Borba, o cachorro

Além do grande amigo Rubião, Quincas Borba tinha outro fiel escudeiro: o seu cão. Tratava-se de um cachorro de meio tamanho, pêlo cor de chumbo e malhado de preto. Era um companheiro para todas as horas, dormia com o dono, partilhavam o mesmo nome.

Rubião

Ingênuo, o antigo professor primário Pedro Rubião de Alvarenga recebe, aos quarenta anos, uma herança de Quincas Borba. Após a morte do amigo, Rubião descobre um inesperado testamento que o deixava como único responsável por todos os bens: imóveis, investimentos, livros. Também havia herdado o cão, Quincas Borba.

Sofia Palha

Casada com Cristiano Palha, Sofia é a musa de Rubião. O rapaz apaixona-se pela moça desde o momento que a conhece, na estação de Vassouras. Sofia tinha entre vinte e sete e vinte e oito anos e era descrita como uma belíssima senhora.

Cristiano Palha

Interesseiro, Cristiano de Almeida e Palha vê em Rubião uma oportunidade para crescer na vida. A partir do momento que percebe a ingenuidade do rapaz, Cristiano tenta tirar vantagem da sua condição financeira abastada.

Já ouviu falar na expressão "ao vencedor as batatas"? E na teoria filosófica do Humanitismo?

No capítulo seis do romance de Machado de Assis, Quincas Borba discursa para ensinar o amigo Rubião o conceito filosófico do Humanitismo.

A teoria, fundada nos ensinamentos do filósofo Joaquim Borba dos Santos, tem como base a noção de que a guerra seria uma forma de seleção natural.

O Alienista

O Alienista é uma obra do escritor brasileiro Machado de Assis que foi publicada em 1882. Dividida em 13 capítulos com títulos, ela está inserida no movimento do Realismo no Brasil.

Resumo da Obra

A obra gira em torno da história de Simão Bacamarte, médico respeitado que viajou pela Europa e pelo Brasil.

Quando criou um consultório na cidade brasileira de Itaguaí, resolveu se casar com uma viúva: Dona Evarista. A relação não era baseada no amor, e sim na possibilidade de ter filhos. Simão acreditava que Evarista seria uma boa parceira para o intuito dele, no entanto, nunca chegaram a ter filhos.

Mais tarde, ele resolve criar um manicômio na cidade, o qual recebeu o nome de Casa Verde. Empenhado em seus estudos voltados para a psiquiatria, Simão começa a ter muitos internos que viviam em Itaguaí e arredores.

Isso porque o médico começou a enxergar loucura em muitas pessoas. Costa, um homem que perdeu toda sua herança, foi considerado louco pelo alienista.

Essas atitudes começam a deixar os cidadãos da cidade apreensivos, o que gera um movimento liderado pelo barbeiro Porfírio. O movimento, que ficou conhecido como “Revolta do Canjica”, tinha sido batizado dessa forma por Canjica ser o apelido do barbeiro.

Diante dos protestos na frente da sua casa, o doutor recebe a massa com indiferença e retorna aos seus afazeres. No entanto, Porfírio tinha o intuito de seguir carreira política e, ao chamar Simão para uma reunião acaba se aliando a ele. E as internações continuam na cidade.

Devido as internações dos 50 membros que estavam apoiando a revolução de Porfírio, outro barbeiro da cidade, João Pina, consegue auxiliar na deposição de Canjica.

Ainda que todos tentassem lutar para acabar com a Casa Verde, o local se fortalecia com o passar do tempo. Numa

passagem da obra, até mesmo Dona Evarista, mulher do Alienista, é internada. Tudo porque tinha tido uma noite mal dormida.

Quando 75% da cidade estava internada, Simão resolve voltar atrás e liberar todos os internos, certo de que sua teoria estava errada.

Assim, o alienista recomeça a internar outras pessoas, agora seguindo outra teoria. O primeiro interno é Galvão, o vereador da cidade.

Tempos depois, conclui que a sua teoria está errada novamente, por isso, libera todos os pacientes internados na Casa Verde e conclui que o louco era ele.

Assim, o alienista resolve se trancar na Casa Verde, onde morreu dezessete meses depois.

Personagens

Os principais personagens da obra são:

Simão Bacamarte: médico renomado e protagonista da obra.

D. Evarista: viúva e mulher de Simão.

Galvão: vereador da cidade.

Costa: homem considerado louco pelo alienista.

Porfírio: barbeiro da cidade, interessado na carreira política.

João Pina: outro barbeiro da cidade.

Crispim Soares: amigo de Simão e boticário da cidade.

Padre Lopes: Vigário da cidade.

Análise da Obra

Repleta de um tom humorístico e irônico, a obra de Machado de Assis possui um narrador onisciente.

Narrado em terceira pessoa, o livro revela a dedicação do Doutor Simão que, na verdade, fica obcecado com seus estudos na área de psiquiatria.

Além disso, ele aborda os temas dos interesses políticos, da ambição e do poder na figura de Porfírio. Para atingir seu objetivo, esse personagem acaba por ceder e se juntar ao alienista.

A crítica social e a análise psicológica das personagens revelam a fase realista de Machado de Assis.

O comportamento, as atitudes, os interesses, as relações sociais e o egoísmo humano são colocados em pauta. A loucura e a sanidade apresentam uma linha tênue na visão do autor.

Para alguns, essa obra é considerada um conto, para outros, ela contém a estrutura narrativa e as características de uma novela.

O Bom crioulo

“O romance Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha, faz parte do Realismo. A história de paixão e tragédia não é produto de fantasia romântica, mas baseada num fato real que escandalizou o Rio de Janeiro no século XIX.”

RESUMO

Caminha constrói a partir de um fato verídico, uma ficção forte, ousada, muito atual até os dias de hoje. Fez isso para chocar e se vingar da sociedade hipócrita que o rodeava.

Bom-Crioulo, publicado em 1895, é dividido em 12 capítulos, onde a ação se passa na segunda metade do século XIX, no Rio de Janeiro. Destacam-se o espaço aberto, normalmente dias claros e quentes, o mar aberto, e o espaço fechado do quartinho de Amaro.

Boa parte da força e da eficácia de Bom-Crioulo está no manejo lúcido que o autor faz desses conflitos, escolhendo o quê, quando e como contar deste verdadeiro enredo de

notícia de jornal sensacionalista. A narrativa é simples e direta, mas tem as suas manhas: não entrega o jogo facilmente, cria suspenses, vai e volta no tempo, de modo a dar a cada momento, a cada situação, a sua atualidade e a sua história, o seu desenvolvimento próprio. Assim, o enredo central se desdobra em alusões a muitas outras histórias; e o dia-a-dia do século XIX brasileiro se insinua a cada passo, fazendo ecoar as falas e as ações das personagens centrais.

A intenção do romance resume-se em acompanhar as personagens em seu movimento, como se fosse o espectador que registra a evolução do drama alheio sem interferir. Nele tudo caminha numa ordem inalterável até o epílogo, com uma supervalorização do instinto sobre os sentimentos, do animal sobre o racional.

CARACTERÍSTICAS DA OBRA

Foco narrativo

Narrado em 3ª pessoa, por narrador onisciente, percebe-se que as inúmeras descrições que aparecem no romance, condizentes com a estética naturalista que privilegia a observação meticulosa dos fatos, buscam não se confundir com a história, nem com as personagens.

Preso aos ideais do escritor naturalista, exatidão na descrição, apelo à minúcia e culto ao fato, o narrador conta a história de modo linear, gradativo, utilizando-se de uma linguagem clara, direta, objetiva, com poucos objetivos. O que será importante são os fatos narrados e não a opinião que se pode ter sobre eles. Não há, portanto, da parte desse narrador, qualquer julgamento moral das personagens.

A história quase se narra por si, pela exposição direta dos fatos, que vão montando a estrutura narrativa, ou seja, a

história das três personagens envolvidas num caso de amor: Amaro, Carolina e Aleixo.

Temática

O tema principal é a dificuldade do amor homossexual, centrado na relação entre o negro Amaro e o jovem e bonito Aleixo. Faz presente também o tema da mulher madura que deseja um amante jovem. A originalidade de Bom-Crioulo se manifesta no triângulo amoroso sobre o qual se sustenta. Tradicionalmente, um triângulo amoroso é composto por dois homens em luta por uma mulher, ou duas mulheres que disputam o mesmo homem. Em Bom-Crioulo, Amaro e Aleixo são marinheiros e, acima de tudo, como tal se comportam, favorecendo a anulação das diferenças étnicas, que se dá não pela ascensão do negro fugido, mas pelo rebaixamento de ambos à condição de prisioneiros do mesmo sistema e do - vício -. Por fim, o terceiro do triângulo é uma mulher que atua como homem, pois conquista Aleixo em vez de ser conquistada. Adolfo

Caminha colhe ao vivo, de sua experiência como oficial da marinha, o material do romance.

Este tema do romance, o homossexualismo, manifesto na construção do triângulo amoroso, é tratado com crueza e sem nenhum indício de preconceito pelo escritor naturalista, que vê no vício um objeto de estudo que deve ser esclarecido e compreendido.

O homossexualismo, encarado no romance como vício ou perversão, é tratado, portanto, através de um olhar naturalista e, conseqüentemente, limitado: não há o enfoque mais subjetivo dos sentimentos despertados; não há autonomia do caráter: as personagens estão acorrentadas às leis deterministas (não há drama de consciência ou mesmo drama moral). Há uma resposta mecânica, instintiva aos fatos e, nesse sentido, o livro perde um lado da questão, o que não esmaece sua força e valor literário.

Outro tema é a problemática da vida dos marinheiros, que ficam a maior parte do tempo longe da terra e de mulheres, o sofrimento dos castigos corporais impiedosos e rigorosos. Este é a temática que se entrelaça com o tema central.

Tempo e espaço

O romance se passa em dois espaços: no mar, a bordo de uma corveta, e na Rua da Misericórdia, localizada nos subúrbios do Rio de Janeiro, nos fins do século XIX. Os dois lugares são descritos em seus aspectos mais degradantes e negativos, ressaltando a miséria daqueles que aí vivem.

A abertura do romance se faz com uma detalhada descrição da corveta, local inicial da ação.

Por meio de uma descrição minuciosa e da riqueza de detalhes que ajudam a compor o ambiente externo, percebe-se como o autor naturalista se debruça sobre o meio que terá um papel decisivo no comportamento das personagens.

O ambiente de bordo é marcado pelo trabalho duro e por uma vida sem privacidade, o que possibilita a eclosão das mais diversas perversões. O ajuntamento de homens favorecia a promiscuidade entre seres que vivenciam a solidão da reclusão da vida no mar e que, sobretudo, sentiam a falta de liberdade, vítimas de um sistema duro e cruel – a vida na Marinha.

Personagens

Em Bom-Crioulo, Caminha constrói com segurança e coerência o personagem Amaro, mulato dominado pela paixão homossexual, que o leva para caminhos sadomasoquistas à perversão e finalmente ao crime. O autor soube manejar as cenas e personagens com naturalidade.

As personagens de um romance naturalista raramente são dotadas de alguma profundidade psicológica. Muito próximas dos tipos, também chamados de personagens planas, não evoluem no decorrer da narrativa, de forma que suas ações apenas confirmam as poucas características que as definem.

Amaro: protagonista, ex-escravo convocado para a marinha. Trata-se de um homem muito forte, com trinta anos de idade e que não conseguiu realizar-se sexualmente com as mulheres.

Aleixo: grumete, belo rapaz de olhos azuis, que embarca no sul. Tem quinze anos e mexe sexualmente com Amaro. Cede às investidas e caprichos do crioulo, mas quando aparece ocasião troca-o por uma mulher. Isso o leva a ser assassinado por Amaro, por causa do ciúme. Aleixo surge desde o princípio como o oposto de Amaro: branco, fisicamente fraco e pueril, subjugado pelas circunstâncias e por quem lhe é mais forte – será assim com Amaro e com Carolina.

D. Carolina: amiga e rival de Amaro. É amiga de Amaro por tê-lo salvo em um assalto e inimiga por depois conquistar o namorado do crioulo.

Herculano: marinheiro dotado de certa melancolia. Relaxado, tinha as unhas sujas. Evitava a companhia dos outros. Foi preso e castigado por ter sido apanhado se masturbando.

Agostinho: o guardião. Homem de grande estatura, reforçado, especialista em dar chibatadas. Ama sua profissão, por isso permanecia a maior parte do tempo a bordo.

Santana: marinheiro que sofreu castigo por ter brigado com Herculano. Era gago, chorava com facilidade e era manhoso.

Enredo

A obra Bom-Crioulo não padece das inverossimilhanças de A Normalista, do mesmo autor. Mais denso e enxuto, apresenta um ótimo retrato da vida de marinheiros durante a 2ª metade do século XIX, no Rio de Janeiro. O personagem principal, o mulato Amaro, é bastante coerente em sua passionalidade. Vários episódios do romance também refletem a própria vivência do autor a bordo de navios, registrando a aspereza da vida no mar, da brutalidade dos castigos corporais, já denunciados por Caminha em seu tempo de estudante.

O romance realça pela originalidade da situação dramática: dois marinheiros – Amaro, apelidado o Bom-Crioulo, um “latagão de negro, muito alto e corpulento, figura colossal de cafre... com um formidável Sistema de músculos” e Aleixo “um belo marinheiro de olhos azuis” – brutalizados e solitários pela vida a bordo de um navio, afeiçoam-se e entretêm relações homossexuais. Ao desembarcarem na cidade do Rio de Janeiro, vão viver



INTENSIVO 23

em um cômodo alugado por uma portuguesa, ex-prostituta, D. Carolina. Mas o idílio amoroso entre Amaro e Aleixo é interrompido pelo dever de voltar ao mar:

Decorreu quase um ano sem que o fio tenaz dessa amizade misteriosa, cultivada no alto da Rua da Misericórdia, sofresse o mais leve abalo. Os dois marinheiros viviam um para o outro: completavam-se /.../ Mas Bom-Crioulo um dia foi surpreendido com a notícia de que estava nomeado para servir noutro navio.